

# guerra assimétrica riscos assimétricos

Major-General Reynolds Mendes

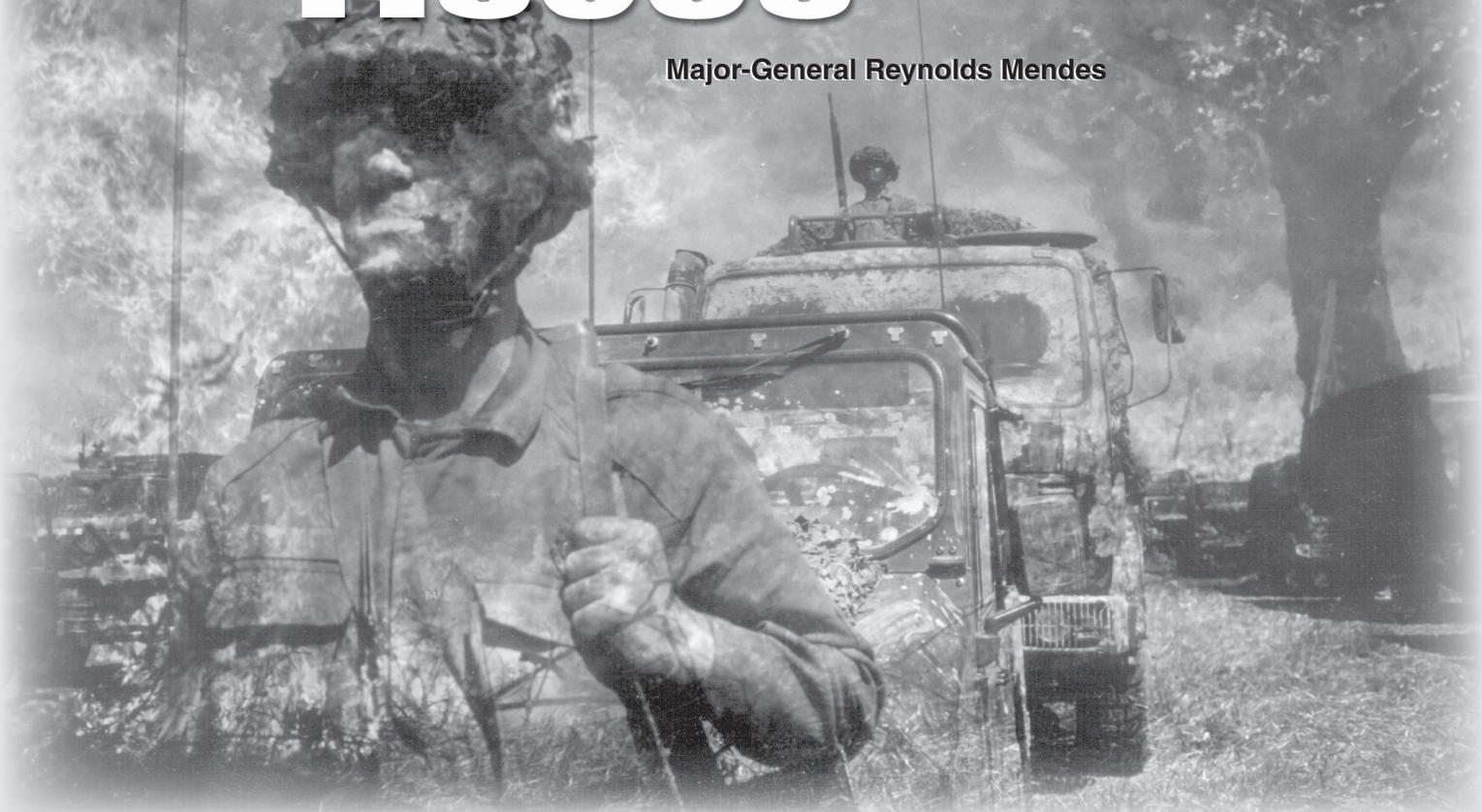


Foto Conde Falcão

## Caracterização Geral

**P**ODERÁ definir-se, em termos gerais, **guerra assimétrica** como aquela que é empreendida no interior de um Estado, por Forças que se lhe opõem e que, sendo muito menores em efectivos e em meios militares, acabam normalmente por conseguir, a mais longo ou mais curto prazo, e por recurso a um conjunto de capacidades próprias — culturais e materiais, ou circunstanciais — obter a vitória. Definição que tem base no estudo de registos que abrangem vários milhares de anos.

Os **riscos** que o confronto com essas Forças envolve, pela não ortodoxia dos meios que aplicam, dos processos que utilizam, e pela natureza variável, logo imprevisível, das respectivas organização e objectivos, recebem também a denominação de **assimétricos**.

Se recuarmos o nosso pensamento ao longo da História, verificaremos que não estamos, propriamente, perante uma novidade. Já no antigo Reino do Meio, ou

China, como é mais conhecido, no tempo dos Exércitos dos Senhores da Guerra, a situação era relativamente frequente, tendo constituído objecto de valioso e ainda hoje pertinente estudo, do muito lido e citado Sun Tzu. As lutas de Viriato e Sertório pela independência da Lusitânia, as guerras **emancipadoras** do Vietname, da Malásia e em África constituem bem conhecidas referências.

A modalidade de guerra assimétrica que maior incremento e evolução tem tido, nas últimas décadas, é o **Terrorismo**. Com todas as aberrações e abjecções que o caracterizam, infelizmente, por vezes, também a jusante.

O terrorismo é um tipo de ameaça que ganha, crescentemente, condição de irredutibilidade, já que os seus mentores/seguidores não respeitam regras, nem leis, nem convenções e estão, em relação aos seus próprios padrões de actuação, em permanente mudança. Os seus objectivos, meios e modalidades de acção tornam-se, por isso, difíceis de prever.



©Lusa

*A paz, esse ideal que a humanidade ainda não conseguiu definir de um modo compreensível e intelectual e politicamente aceitável por todos, parece ser, no seu estado actual de desenvolvimento, uma utopia.*

Quanto às suas áreas de actuação, parece poder considerar-se que o terrorismo hodierno é principalmente **urbano**, já que selecciona alvos — **pessoas, infra-estruturas civis e militares, ou meios** — que se situam preferencialmente em áreas citadinas. Até pela garantia de rápida divulgação dos resultados das acções que provoca, pelos médias, divulgação essa que é alimento essencial à sua propaganda. Tem vindo igualmente a demonstrar, nos últimos tempos, interesse na selecção de alvos navais, mercantes ou militares, aproveitando as dificuldades de segurança inerentes à permanência em portos e a outras situações de confinamento de espaço, seja por razões de operação — carregamento, descargas, intensidade de tráfego marítimo — seja por configuração topográfica ou geográfica. Aliás, confinamentos de espaço e aglomerações de pessoas ou de meios essenciais criam óbvias condições favoráveis às suas actuações.

O terrorismo assumiu, considerando outra vertente, um carácter **sistemático** no que respeita aos tipos de alvos e frequência e características das acções, sendo

### **O terrorismo assumiu, considerando outra vertente, um carácter sistemático no que respeita aos tipos de alvos e frequência e características das acções**

de destacar, quanto a estas, a generalização, a não discriminação e a espectacularidade. O êxito obtido com a aplicação de novas técnicas de protecção às altas individualidades levou, no entanto, a que o recurso a



*Outro aspecto, que esta modalidade de guerra assimétrica assumiu nos últimos tempos, é o de ser desencadeada sem que o objectivo seja o da obtenção do poder.*

acções de **terrorismo selectivo** esteja, presentemente, quase que abandonado.

Certas evoluções surgiram, entretanto, com o passar do tempo, podendo afirmar-se que as acções terroristas ocorrem, actualmente, no âmbito de um dos seguintes cenários:

- no interior de Estados que enfrentam guerras de natureza **subversiva-emancipadora**, ou afim, como sejam os casos do IRA, da ETA, e das milícias islâmicas das Filipinas, do Estado de Aceh, na Indonésia, do Afeganistão, etc.;
- realizadas por elementos ou grupos, frequentemente de base religiosa, apoiados e/ou controlados por Estados soberanos, actuando no território de outros Estados — **terrorismo internacional**, como seja, embora com cambiantes, o caso Palestina — Israel e, novamente, os das milícias islâmicas das Filipinas e do Afeganistão;
- ou perpetradas por indivíduos de algum modo vinculados a organizações de raiz não-nacional, caso da *al-qai'da*, sobre alvos de elevado valor estratégico, situados no interior ou sob bandeira de Estados soberanos,

seleccionados segundo critérios próprios: o terrorismo assume, por conseguinte, uma finalidade estratégica — **terrorismo estratégico**, e uma natureza transnacional — **terrorismo transnacional**.

## Breve Caracterização do Quadro Actual

Apresentou-se, no número anterior, um esboço de caracterização dos **tipos de terrorismo** actualmente mais empregados, caracterização que teve por base, quer a natureza subjacente à sua formação, quer o âmbito dos objectivos que procura atingir, bem como se efectuou uma apresentação dos cenários em que têm vindo ultimamente a ocorrer as acções terroristas.

Importará referir que o desenvolvimento que marcou a evolução da humanidade, tanto aos níveis organizacionais e científico-tecnológicos como nos campos religioso e espiritual, no decurso do século XX, terá infelizmente contribuído, num sinal de retrocesso, para proporcionar mais vastos campos de actuação a este tipo de guerra.

## O Modelo de Organização das Sociedades *Versus* o dos Terrorismos

### As Sociedades e suas Vulnerabilidades

O modelo de organização geral das sociedades modernas apresenta inúmeras vulnerabilidades.

Uma delas resulta da cada vez maior **concentração** de pessoas **em áreas urbanas**, incluindo bairros clandestinos circundantes e com condições de vida muito degradadas.

Outra vulnerabilidade a assinalar, decorre da crescente **mobilidade** concedida aos cidadãos, intra ou inter-países.

As possibilidades de acção conferidas pelos **meios informáticos**, proporcionando a fácil aquisição de dados sobre as mais diversas áreas de conhecimento ou actividade, em muitos casos por violação de códigos de acesso secretos, constitui, seguramente, a mais perigosa vulnerabilidade. A divulgação geral de dados e de informações que proporciona, muitos deles da mais alta sensibilidade, e que assim fica ao dispor das **organizações terroristas**, conferiu-lhes acrescidas **facilidades de planeamento e actuação**.

Aquelas vulnerabilidades, que dimanam do surto imparável e incontrolável de desenvolvimento, já referido, outras se juntam, também elas decorrentes de desejáveis e inestimáveis evoluções do edifício democrático, como seja a plena assunção dos valores da e pela sociedade civil. Uma dessas evoluções foi a que se traduziu, na maioria dos países ocidentais, pela **separação das dependências governamentais das forças de segurança e de defesa**, e pela atribuição de características exclusivamente civis a algumas forças de segurança.

Essa separação, que resultara do reconhecimento da diferente natureza dos elementos a enfrentar e dos respectivos ambientes e áreas operacionais, conduzia à diferenciação das missões a cumprir e, logo, dos meios a atribuir a cada força. Aquela separação deveria ter sido, no entanto, concebida e posta em execução de modo a que não viessem a resultar, mais tarde, **dificuldades**, quer quanto a **intercâmbio e coordenação de informações** dos vários serviços que as integram, incluindo os de **controlo de fronteiras**, quer quanto às **decisões** a assumir, no **âmbito operacional**, face a cada situação concreta.

Note-se que embora tivessem sido processadas notícias que alertavam para riscos de ocorrência de acções inéditas e de consequências previsivelmente graves, por serviços de informações de diversos países e dos próprios EUA, antes de 11 de Setembro de 2001, nenhuma medida concreta foi tomada para as evitar. Parece haver, agora, uma mais clara noção da urgência com que estas deficiências organizacionais, que espelham a **exagerada hierarquização** (ou, às

vezes, até paroquiamento) existente nestas e noutras estruturas dos Estados, devem ser superadas. Exagero que, nas forças em apreço, ocorre aos **diferentes níveis de planeamento e de execução**, desde a concepção e ajustamento de procedimentos, da definição das características dos meios a atribuir e sua obtenção, até às decisões operacionais e à consequente articulação e emprego dos meios adequados a cada situação.

Se analisarmos as actividades das sociedades modernas, tanto as laborais como as de lazer (turismo, transportes, desportos, concertos públicos, etc.), verificaremos que são incontáveis as oportunidades de escolha de alvos compensadores para o tipo de objectivos que as organizações terroristas perseguem.

Pelo que é fácil compreender o enorme esforço a executar, aos níveis conceptuais e organizacionais, para poder saber, ou inferir, em antecipação, o **onde**, o **quando**, o **como** e o **com que meios** irão as organizações terroristas agir, de modo a que não ocorram outros “11 de Setembro”. E quanto urgente é assegurar se

**São incontáveis as oportunidades de escolha de alvos compensadores para o tipo de objectivos que as organizações terroristas perseguem.**

concretizem uma real **convergência de esforços** e a capacidade de **retomar a surpresa**, isto é, serem os países democráticos a ter a **iniciativa**, a **surpreender**, de modo a garantir, com maior eficácia, a **segurança**.

## Os Terrorismos

A separação de dependências, atrás referida, torna-se mais preocupante quando se verifica que a **heterodoxia**, a **agilidade** e **total falta de escrúpulos nos procedimentos** e o **efeito de surpresa** são as características mais salientes dos diferentes tipos de terrorismo. A que acresce o facto desse efeito de surpresa ser orientado e conseguido tanto quanto à natureza dos objectivos seleccionados, como quanto ao “timing” de execução das acções, como ainda para o **recurso a meios materiais facilmente alcançáveis**, por a sua **utilização** no meio civil **não ser sujeita a controlos hierarquizados**. Como aconteceu em 11 de Setembro com a tomada de vários aviões de companhias aéreas, desviados no decurso de voos comerciais regulares.

Outro aspecto, e importante, que esta modalidade de guerra assimétrica assumiu nos últimos tempos,

é o de ser desencadeada **sem que o objectivo seja o da obtenção do poder**, ficando a sua finalidade limitada à confrontação e ao desgaste, pelo desafio e pelo opróbrio.

A **articulação** e os **procedimentos** entre os seus diversos **autores** têm vindo, parece, a ser **eficazmente protegidos**. Adicionalmente, o modelo de funcionamento descentralizado que adoptam dificulta a obtenção de dados que possibilitem um controlo minimamente eficaz. O que se tem traduzido em acrescidas **dificuldades** para os países por eles ameaçados, para a organização de um sistema que obtenha, com oportunidade, os **elementos de informação** indispensáveis à preparação de acções que conduzam à sua **destruição** ou, no mínimo, **desarticulação**.

As **ligações** entre os países que formam o chamado **eixo-do-mal**, os exactos contornos e o funcionamento da rede da **al-qai'da**, e as **ligações entre esta e aqueles**, crê-se que estarão ainda insuficientemente esclarecidos, mesmo ao nível dos escalões a quem compete conhecer e agir.

Deve também ser tornado evidente o **factor** extraordinariamente **multiplicador** do **“potencial de combate”** das organizações terroristas que o **fundamentalismo religioso** e a **predisposição para o sacrifício da vida** constituem e que os seguidores da religião islâmica praticam, na sua busca de paraísos desejados/prometidos. O que era já um facto inegável, sobejamente demonstrado pelas acções dos suicidas-bomba da Intifada tomou, depois do 11 de Setembro, uma dimensão dramática.

## Evidências Resultantes das Ocorrências de 11 de Setembro de 2001

. Demonstração clara das capacidades das guerras assimétricas: um reduzido número de elementos fanáticos, que sacrificaram as suas vidas, obtiveram sucesso sobre as Forças de Segurança, as Forças Armadas e os vários Serviços de Informações da única potência mundial.

. O que aconteceu em Nova York, em Washington e algures na Pensilvânia pode ser repetido actualmente, em cada dia, em cada lugar do mundo: as cabinas dos pilotos continuam, na maioria dos casos, não protegidas, e três fanáticos e algumas armas brancas podem transformar um outro avião num míssil; ou acções sobre outros meios de transporte, ou locais ou recintos públicos, são fáceis de planear e de executar.

. As baixas ocorridas vieram demonstrar a inverdade da ilação, anteriormente assumida, de que os terroristas nunca procuravam causar muitas mortes civis; o seu sucesso pode ter mesmo criado uma como **“imposição”** de que **novas acções**, daquelas características, **procuram ultrapassar resultados anteriores** para obterem, de novo, grande impacto.

. O terrorismo estratégico será mais provavelmente dirigido contra o sistema internacional do que contra um ou outro país: a acção em apreço ocorreu nos EUA, mas **novas acções** poderão ser dirigidas contra **qualquer país do mundo**, nomeadamente ocidental.

## Possíveis Tendências Futuras Incidências para a Defesa do Terrorismo

Se é um facto que as guerras assimétricas ocorridas ao longo dos tempos sempre criaram, aos sistemas de defesa confrontados, problemas que estes foram incapazes ou tiveram grande dificuldade em superar, as maiores dificuldades criadas pelo **terrorismo estratégico nascem**, como se referiu, da cobertura que tem conseguido para as suas organizações, da mobilidade e dedicação dos meios humanos e da facilidade de obtenção dos meios materiais de que necessita para lançar as suas acções.

As organizações de defesa e de segurança enfrentam, talvez, a mais difícil tarefa de sempre, devido a certas características do inimigo em parte já abordadas e que se sumariam:

- . Alta determinação de chefes e executantes e disponibilidade destes para o sacrifício da vida;
- . Dispositivo reduzido, rarefeito em geral, e muito dissimulado;
- . Capacidade de iniciativa quase total, quanto a objectivos e tempos de acção;
- . Irrestrito absoluto de cumprimento de convenções internacionais ou códigos morais de conduta, na selecção de objectivos e na execução de acções;
- . Possibilidade de fácil obtenção de praticamente todos os meios de que necessitar.

## Das Organizações de Defesa

Os factores mencionados, de tão simples enunciado, colocam os sistemas de segurança e de defesa dos potenciais países-alvo perante tarefas ciclópicas.

Há necessidade de compreender as ameaças, o que terá de passar, obrigatoriamente, pela capacidade de entender os fenómenos desencadeados pela rejeição quase geral do *status-quo* político mundial, rejeição que radica na verificação das desigualdades existentes entre países desenvolvidos, em vias de desenvolvimento e subdesenvolvidos, por um lado, e constitui, por outro, o alimento e o motor dos ódios que impelem os terrorismos.

A **estratégia de defesa** assumirá maior dimensão **científica**, assente na capacidade de absorver os desenvolvimentos da **técnica** que a favoreçam e de contribuir, através dos processos de **procurement**, para os gerar. Para o que deverá dispor de **ampla autonomia** nas duas áreas mencionadas, com vista a assegurar que



©Lusa

*O que aconteceu em Nova York, em Washington e algures na Pensilvânia pode ser repetido, actualmente, em cada dia, em cada lugar do mundo.*

a **tecnologia** disponibilize os produtos acabados de que tem necessidade, com **frequência, rapidez e qualidade** que garantam **máxima flexibilidade de emprego** e a obtenção da **supremacia**. Produtos que lhes permitirão não só **conceber, produzir e atribuir às forças meios eficazes**, como **planear e aplicar processos de actuação** que assegurem **sucesso**. Isto é: a manobra de defesa envolverá, cada vez mais, uma componente técnica, a que soe já chamar-se **manobra técnica**.

A luta contra o terrorismo vai exigir um **esforço coordenado** e de **longa duração**, e nenhum dos países que constituam alvos potenciais poderá colocar-se de fora ou, sequer, em posição de colaboração parcial.

A Europa terá de compreender a verdadeira dimensão da ameaça que o mundo, no seu todo, enfrenta e predispor-se a agir sem que tenha de, antes, passar pelo **infortúnio do sofrimento**. Porque contar que o inimigo a poupe, por eventualmente avaliar que, assim,

poderá diminuir as forças que depois se lhe oporão, é não entender, à partida, o conceito inerente à definição de “guerra assimétrica”, nem as práticas que têm seguido aqueles que a adoptam.

A guerra contra o terrorismo estratégico implicará, por outro lado, a capacidade de atingir mais aguda **compreensão dos riscos** que este tipo de ameaça coloca e de organizar (**reorganizar**) a defesa, de modo a enfrentá-los, agindo com **antecedência suficiente**.

De tudo o que foi referido neste âmbito, parece legítimo tecer as seguintes considerações:

### **Na Área das Informações**

Haverá necessidade de reavaliar e recriar os actuais modelos de funcionamento das informações.

A **volatilidade organizacional** dos movimentos terroristas irá exigir, aos serviços de informações de segurança e de defesa dos países democráticos, o

desenvolvimento urgente das suas capacidades.

Para combater eficiente e eficazmente o terrorismo, o ciclo de processamento das informações (pesquisa, obtenção, análise/ interpretação dos dados de informação e difusão) terá de ser agilizado. E a última fase do ciclo, ou seja, a **difusão dos dados de informação estabelecidos**, com a **óbvia** atribuição dos respectivos graus de verosimilhança e de probabilidade, terá de efectuar-se com celeridade e eficácia, quer dentro de cada país, entre os vários serviços a que interessem, quer para todos os países que ofereçam garantias de segurança e tenham necessidade de os conhecer.

Para combater e vencer o **terrorismo**, os potenciais países-alvo terão de vencer, em primeiro lugar, a **batalha das informações**.

Nenhum dado de informação poderá ser desprezado, as avaliações terão de ser cuidadosas, as integrações perfeitas, a **coordenação e a difusão da informação processada terá de ser assegurada, a segurança das informações terá de ser total.**

Deverá ser fomentada e estimulada a **capacidade**

**A procura da paz,  
por que tanto se anseia, não poderá  
ficar restringida  
a declarações e gestos públicos de  
boas intenções.**

**de inferir** sobre as notícias e informações disponíveis. E a **avaliação das inferências** que forem estabelecidas deverá ser colocada em **pé de igualdade** com a das **informações**, para que não ocorram novos Pearl-Harbour ou 11 de Setembro.

Os sistemas de informações deverão, pois, **manter-se** em condições de conferir às forças dos países democráticos, dados seguros que possibilitem o **lançamento oportuno** de acções ou operações, com total **surpresa**.

## **Na Área das Operações e da Logística**

O que se afirmou no parágrafo anterior significa que a defesa irá abandonar uma postura meramente passiva, e que o conceito de auto-defesa será alargado, passando a englobar, também, a possibilidade de lançamento de operações **por antecipação**. O que, em associação com o carácter **preemptivo** que deve ser imanente a todas as suas operações ou acções, poderá conceder ímpeto extra à luta pela desarticulação e/ou aniquilamento das organizações terroristas. E conferir àqueles países a **iniciativa**,

a qual é **factor primordial de sucesso** em qualquer tipo de guerra.

A guerra não deverá nunca substituir a política. Mas, quando se enfrenta este tipo de inimigo, circunstâncias haverá em que poderá constituir um primeiro passo necessário. Como na maioria das situações importantes e sensíveis, cada caso terá de ser considerado de *per si* e objecto de soluções específicas.

A guerra contra o terrorismo estratégico assume, ainda, um âmbito novo, dadas as suas **envolvências pós-modernas**, tanto pelas características dos **teatros de acção** em que se desenrola como pela quase diária disponibilidade de novos, mais **sofisticados meios** que a tecnologia proporciona. Factos estes que apontam para a necessidade de a manobra militar se apoiar, em permanência, na já mencionada manobra técnica, que irá possibilitar, prevê-se, a criação de **sistemas militares mais flexíveis, de elevadas capacidades operacionais e mais fácil sustentação**. Sistemas que manterão a **profissionalização dos contingentes**, nomeadamente dos que integrem forças especiais, condição indispensável à manutenção e evolução das capacidades operacionais.

## **Das Alianças**

A condição de única superpotência mundial, que a desarticulação da ex-União Soviética ofereceu aos Estados Unidos da América (EUA), criou determinadas condições para que este país se tivesse assumido como “gendarme universal”.

A guerra contra o terrorismo estratégico está a criar, no entanto, a necessidade de reavaliar a situação mundial. Os EUA demonstraram ter compreendido já que exclusivo unilateralismo e guerra contra o terrorismo não são compatíveis, e passaram a procurar um envolvimento conjunto.

É admitido que a próxima reunião dos Ministros da Defesa dos países que integram a NATO, em Praga, a qual se seguirá a reunião dos Chefes de Estado dos mesmos países, possa conduzir à enunciação de um **novo conceito estratégico da Aliança**, o qual teria por objectivo a criação das capacidades necessárias à implementação de uma **Autodefesa Antecipativa**, como se referiu.

É ainda admitido que esse conceito venha a ser estabelecido tendo por base a aceitação das seguintes premissas:

. Estar a Aliança perante uma situação em que enfrenta **riscos multilaterais**, com tendência a prolongar-se no tempo, e suficientemente perigosa para justificar o **desencadeamento de uma acção militar** por antecipação.

. Ser somente a Organização das Nações Unidas a **deter capacidade de ratificar as condições de base** para o lançamento da acção.



©LUSA

*A luta contra o terrorismo vai exigir um esforço coordenado e de longa duração.*

. Serem pré-definidos os **requisitos** a respeitar pelos intervenientes, para o **cessar das hostilidades**.

Essas reuniões deveriam **conter a oportunidade** para rever e redefinir **critérios e modelos** que garantam a **segurança** mas, também, a **efectividade do intercâmbio e da coordenação** de informações a que atrás se fez referência, e cuja imprescindibilidade parece indiscutível. A União Europeia deveria aderir ao modelo que viesse a ser estabelecido, no âmbito da sua PESC, por óbvias razões.

#### **A Nível Nacional:**

No nosso país, poderia ser **aproveitada a oportunidade** que a **revisão** do Conceito Estratégico de Defesa Nacional concede, para a realização de **idênticas revisão/redefinição**, de modo a que, em termos de **fluxo de informações**, sejam **ultrapassadas barreiras** porventura ainda existentes entre as áreas da segurança e da defesa, e resolvida qualquer rigidez nas respectivas fronteiras.

#### **Comentários.**

• Uma questão parece estar ainda por enquadrar: nos âmbitos da contra-informação e da guerra psicológica, que manobras ou acções será possível empreender com

vista a negar ao inimigo a capacidade de continuar a usar a **diabólica multiplicação do potencial de combate** que constitui a glorificação da auto-imolação pela religião islâmica?

Através de que meios poderá ser combatida? A partir de outras interpretações da própria religião islâmica, sobre a vida: origens, percursos, objectivos, valor intrínseco?

Procurando fazer-lhes chegar com êxito, isto é, de modo inteligível e sedutor, a talvez demasiado ocidental mensagem de que nada substitui a vida e de que temos a obrigação moral de a preservar?

Parece que, seja qual for a modalidade de acção a adoptar, a **guerra psicológica** deverá constituir, também neste combate, um **vector adicional de esforço**.

• A procura da paz, por que tanto se anseia, não poderá ficar restringida a declarações e gestos públicos de boas intenções. A paz, esse ideal que a humanidade ainda não conseguiu definir de um modo compreensível e intelectual e politicamente aceitável por todos, parece ser, no seu estágio actual de desenvolvimento, uma utopia.

Se considerarmos a paz como uma montanha, e que

só ao atingir-se o seu topo a conseguiremos concretizar, compreenderemos que muitos caminhos deverão ser traçados e percorridos coordenada e concorrentemente para que a estabeleçamos. Caminhos a traçar e a percorrer com verdade e denodo, não com promessas, lengalengas e prêdicas de sacristia que se sabe de ante-mão não serão cumpridas. Caminhos que terão de conter, acima de tudo, respeito pelos semelhantes; prontidão de cada um, segundo as suas capacidades e méritos, para o serviço de todos; abandono de compadrios, de tráficos de influência, da venalidade, do nepotismo, e absoluto respeito pelo que é justo, pelo que é direito próprio e pelo que é de direito.

Vimos as tentaculares ameaças que perturbam hoje (que sempre por mil modos perturbaram) a montanha da paz. O coro dos que sofrem por fome, por doença, por falta de condições mínimas essenciais de vida, o coro dos sedentos de justiça, não param de aumentar. Mas há passos que podem ser dados na subida dos tais caminhos. Que nem são tão difíceis que não possam ser iniciados num curto prazo. Escolhamos pelo menos um de entre eles, um que possa favorecer muitos povos, muitos seres.

Por exemplo, o de assegurar apoio e justa retribuição aos países que detêm posse de matérias-primas essenciais. Matérias que, pelo seu valor, lhes permitiria o arranque para um desenvolvimento sustentado; mas que, as mais das vezes, por causa de contratos de exploração mal negociados, ou negociados com benefício de cúpulas corruptas de sistemas políticos ditatoriais, levam a que esses países não consigam passar de estádios de autêntica miséria humana.

A NATO soube, no passado, nas situações difíceis que teve de enfrentar, analisar os problemas que defrontava e encontrar os melhores métodos para os equacionar e, em tempo útil, resolver. Recorrendo ao apoio de personalidades de boa vontade e méritos firmados, quando considerou isso adequado. **Estamos, há décadas, numa esquina da História que teimamos em não dobrar.** Há passos decisivos a assumir para que se estabeleça **justiça entre os homens**, uma das condições básicas para que possa haver **paz**, pelo menos uma paz mais alargada e consolidada do que actualmente aceitamos.

Talvez seja altura da ONU, eventualmente com o contributo de alguma agência da NATO, existente ou a criar, constituir um órgão que tratasse da situação dos países possuidores dessas matérias, mas em situações de subdesenvolvimento. Órgão que começaria, talvez, por estabelecer um **sistema de justa indexação das**



*A guerra não deverá nunca substituir a política. Mas, quando se enfrenta este tipo de inimigo, circunstâncias haverá em que poderá constituir um primeiro passo necessário.*

**matérias-primas** entre si, fixando quadros de cotação com base em unidades-de-conta, ou outro qualquer sistema que permitisse atribuir-lhes o valor justo. As unidades-de-conta seriam referenciadas não a uma só moeda, pois isso continuaria a dar azo a outro modo de manipulação, mas a um conjunto de moedas com um balanceamento a definir.

Um sistema desta natureza não poderia começar a ser aplicado de imediato. Haveria certamente ajustamentos a pôr em prática, faseamentos a programar. Mas estabelecidos e aceites os objectivos, e iniciada a sua implementação cumprindo com rigor os passos pré-definidos, entrarse-ia, seguramente, numa **nova era**. Não na “**nova ordem mundial**”, expressão e objectivo tão a gosto das organizações políticas de base maniqueista, que nunca a conseguiram implementar - **já que nunca passaram, na prática, para além de mudanças de actores** – mas numa nova era, mais **justa, fraterna** e, por isso, **universal**. Pelo que, sem dúvida, **melhor terreno para a paz**.

Os países que integram a **civilização ocidental cristã** têm o **direito** e o **dever** de se **defender**. Mas terão, pelo seu comportamento ao longo dos tempos, o **direito de lançar a primeira pedra?**

#### **Nota final.**

“Guerra assimétrica - Riscos assimétricos” foi o tema da 49ª Conferência Anual e Seminário de Antigos Auditores e Membros do *Staff* do Colégio de Defesa da NATO, e teve lugar em Roma, de 26 a 28 de Setembro passado. O texto apresentado teve por base, no que concerne aos aspectos puramente do âmbito de defesa, apontamentos coligidos durante o seminário, estudos e experiência profissional. **MR**